

IMPACTOS DA CRISE DO PETRÓLEO NA ECONOMIA BRASILEIRA

Jhennifer Cerqueira¹

Fernanda Souza Silva²

RESUMO

Durante o período de 1956 a 2008, o mercado petrolífero passou por cinco fases, em que a discussão das causas, efeitos e consequências são importantíssimos para entender o contexto envolvido. Em 1973 a crise que se instalou teve dois motivos, redução de produção pós-guerra e a balança comercial que passava por um mau momento. Em 2014 aconteceu o contrário, mesmo com queda da demanda e inserção no mercado do não convencional óleo de xisto, a OPEP decidiu não diminuir a produção, causando uma súbita queda no preço do barril. No Brasil, em um cenário que já não era dos mais atrativos, um episódio de corrupção que ficou conhecido como Operação Lava Jato causou a queda das ações de uma das maiores estatais do país, a Petrobras. As consequências dessa crise resultaram na diminuição dos investimentos, estagnação de novos projetos, demissões, falência de terceirizadas e adiou planos de exploração e produção, inclusive no estimado pré-sal. Neste trabalho foi realizada uma análise de todas as etapas, visando compreender o contexto atual, e também a origem da crise, apresentando características próprias de cada fase.

Palavras-chave: Petróleo, economia, crise, corrupção, pré-sal.

ABSTRACT

In this article we will analyze the causes, effects and consequences of the oil crisis, beginning with the five phases from 1956 to 2008. In 1973 the crisis that was installed had two reasons, a reduction in post-war production and a trade balance

¹Graduanda de Engenharia de Petróleo e Gás na Faculdade Multivix de Cachoeiro de Itapemirim/ES.

²Mestre em Engenharia e Ciência dos Materiais na Universidade Estadual Norte Fluminense de Campos dos Goytacazes/RJ

that was going through a bad time. In 2014, the opposite happened, even with falling demand and insertion in the market of unconventional shale oil, OPEC decided not to reduce production, causing a sudden drop in the price of the barrel. In Brazil, in a scenario that was no longer attractive, corruption scandals in what was known as Operation Lava Jet caused the fall of the shares of one of the country's largest state-owned companies, Petrobrás. The consequences of this crisis resulted in reduced investments, stagnation of new projects, layoffs, bankruptcy of subcontractors and postponed exploration and production plans, including in the estimated pre-salt.

Keywords: Petroleum, economy, crisis, corruption, pre-salt.

1 INTRODUÇÃO

Com o petróleo sendo comercializado a U\$ 49,71 o barril (menor preço em seis anos), o mercado internacional acumula perdas de 60% desde o último pico em 2014 (U\$115 barril). Essa queda está ligada com o aumento da produção, especialmente de xisto Canadense e da fragilidade em que se encontra a economia dos EUA e da China (FELDSTEIN, 2014; SILVA, 2017).

A desvalorização no barril de petróleo prejudicou os projetos de exploração no Brasil, principalmente os de pré-sal, havendo queda na produção nos campos de exploração, refinarias, complexos petroquímicos, além da diminuição na arrecadação dos royalties, afetando a receita dos produtores, das prefeituras, e dos governos dos estados (ROCHA, 2016).

Neste contexto, este artigo tem o objetivo de explicitar os motivos que desencadearam a queda da exploração e produção de petróleo no país, tais como: escândalos de corrupção a exemplo o caso Lava Jato, insistência em manter a produção com o mercado em baixa como decretou a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, Intervenção do Governo no Plano de Negócios da Petrobras, e as consequências dessas interferências a curto e longo prazo.

Esse estudo se faz necessário para compreender a dramaticidade que a estagnação desta indústria pode causar em diferentes setores, uma vez que o Brasil exporta

(óleo bruto) e importa óleo leve. Entendemos que o “ouro negro” é um regulador economia brasileira, o preço do barril e da gasolina influi em toda cadeia comercial (transporte, indústria), tendo interferência direta e indireta na inflação, desemprego e receita do país.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Crises do óleo, as cinco fases

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, o Oriente Médio tornou-se o principal produtor de petróleo, o que gerou ambição de países europeus, que foram por décadas os pioneiros na região. Pouco a pouco, os países do Oriente Médio foram obtendo sua independência política, porém sem o controle de sua riqueza principal. Até 1970, possuía mais de 90% da produção petrolífera comandada por sete companhias, as chamadas “Sete Irmãs”. Em 1960 e 1970, a economia já havia se tornado totalmente dependente do petróleo. Com isto, os países produtores decidiram se unir, dando fim as “Sete Irmãs”. Surgia então a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) (LIMA, 1977).

A primeira crise do petróleo teve início em 1970 quando se descobriu que o recurso não era renovável, o que em pouco mais de sete anos praticamente triplicou o preço do produto. Entre outubro de 1973 e março de 1974 o valor do petróleo aumentou em 400%, causando grandes reflexos na economia global. Este momento teve encontro com o fim do milagre econômico ocorrido na ditadura militar no Brasil. O aumento do preço freou a produção afetando o crescimento econômico no país, aflorando os ânimos e colocando em evidencia as críticas ao governo da época. Essa crise foi classificada em cinco fases (GASPARETTO JUNIOR, 2013):

- A primeira fase ocorreu em 1956 quando o Egito nacionalizou o Canal de Suez, até propriedade de uma empresa Anglo-Francesa. Pelo canal passavam os produtos de exportação para os países ocidentais, essa medida culminou no bloqueio do canal aumentando conseqüentemente o valor dos produtos (óleo).

- A segunda fase teve por motivo o apoio dos EUA a Israel, episódio que foi conhecido como Guerra do YomKipur. Neste momento os integrantes da OPEP supervalorizam o valor do produto.
- A terceira fase ocorreu em 1979 durante a crise política no Irã, seguido da revolução política no mesmo, que entrou em guerra contra o Iraque, reduzindo a produção e gerando acréscimo no valor da mercadoria, por serem ambos os maiores produtores mundiais.
- A quarta fase foi a Guerra do Golfo em 1991, depois que o governo de Saddam Hussein invadiu o Kuwait. Com a intervenção dos EUA e aliados, os soldados iraquianos foram expulsos, mas incendiaram alguns poços, provocando uma crise de cunho econômico e ambiental.
- A quinta fase da crise tem origem mais recente, em 2008 onde as especulações em escala global influenciaram em 100% o aumento do valor do petróleo entre os seis primeiros meses do ano.

As guerras aconteciam pela disputa de poder e dinheiro, e utilizavam o petróleo como arma para tal, os países fornecedores sabiam que restringindo sua produção afetariam diretamente toda economia mundial.

2.2 Reflexos da Crise de 1973 na Economia Brasileira

No final de 1970, havia 3 milhões de barris sendo produzidos em excedente, sendo a maior parte de origem do Oriente Médio. Em 1973 a capacidade adicional foi reduzida a 1,5 bpd (milhões de barris por dia), e em seguida a 500 mil barris por dia. Desde o pós-guerra, a oferta e demanda nunca havia estado tão apertada (Yergin, 1990).

Entre 1971 e 1973, o sistema monetário e financeiro internacional estabelecido em Bretton Woods (dólar como moeda de troca internacional podendo ser convertido a

ouro) foi suplantado pelo padrão de paridades flutuantes, e o dólar perdeu valor frente às moedas dos países europeus e do Japão. Os reajustes das taxas de câmbio provocaram um aumento excessivo na inflação a nível mundial.

Em 1974, as 115 maiores multinacionais obtiveram déficit comercial de US\$ 2,116 bilhões (46% do déficit comercial do país), déficit de serviços de US\$ 251,1 milhões (11% do déficit nacional) e um déficit corrente (mercadorias e serviços) a 35% do déficit corrente nacional equivalente a US\$ 2,412 bilhões. O preço do petróleo aumentou de três a quatro vezes, fazendo com que as importações do país aumentassem 400%. As empresas do setor de farmácia, perfumaria, e química, foram responsáveis por um déficit em conta corrente de US\$ 741,4 milhões. A elevação dos preços de exportação fez com que países industrializados procurassem estocar matéria-prima, o que gerou um aumento de 38,6% nas matérias-primas de ordem alimentícia e 76,5% nas de cunho industrial (LIMA, 1977).

O aumento dos preços do petróleo entre 1973-1974 e o aprofundamento da crise econômica fizeram com que as condições internacionais se tornassem menos favoráveis, forçando o Brasil a enfrentar a crise energética, a restrição ao acesso aos mercados dos países desenvolvidos e a deterioração nos termos de troca simultaneamente. No plano doméstico, o desequilíbrio da balança comercial culminou no esgotamento da capacidade produtiva, impedindo o aumento de exportações suficiente para responder a demanda de importações. A união desses fatores associados a perspectiva de declínio do comércio mundial, resultaram no desequilíbrio no balanço de pagamentos, fazendo-se necessárias mudanças na economia por meio de uma reorientação do processo de crescimento, buscando sanar as imperfeições do setor econômico (LESSA, 1997).

Em 1977, depois de um superávit na balança comercial, o Brasil passou a acumular um déficit no valor de US\$ 10 bilhões ou um terço das nossas receitas, bem como nosso país a importar financiamentos que nos levaram a obter uma dívida externa. O quadro a seguir ilustra o balanço de pagamentos (LIMA, 1977).

Tabela 1 – Relatório Branco Central 1977

Anos	1972	1973	1974	1975
Exportação de Mercadoria	3.991	6.199	7.968	8.655
Importação de mercadorias	4.235	6.192	12.530	12.169
Saldo da balança comercial	-244	7	-563	-3.514

Fonte: Relatório do Banco Central do Brasil, 1974 apud Lima, 1977.

Analisando a crise como um todo, concluiu-se que a origem dos problemas encontrava-se não só na majoração dos preços do petróleo. A crise do petróleo na verdade atingiu uma economia dependente de recursos externos e tendo por característica o subdesenvolvimento de um setor financeiro em que o objetivo final era diversificar o consumo dos grupos de renda alta e não a capacidade produtiva da economia em seus setores básicos.

2.3 A Queda do Preço do Barril em 2014 e Seus Efeitos

A China e a Alemanha, grandes consumidoras de petróleo, tiveram sua economia desacelerada devido a crise econômica (níveis de investimento diminuíram), e com o aumento da produção de óleo de xisto (EUA e Canadá) no mesmo instante, fato que proporcionou a estes países ficar energeticamente autossuficientes, ou seja, a produção de hidrocarbonetos superou o consumo. Frente ao que estava acontecendo, esperava-se que a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) baixasse sua produção, mas para surpresa de todos, ela manteve a produção nos mesmos níveis, o que causou um colapso na economia petrolífera (NOGUEIRA, 2014).

No segundo semestre de 2014, os preços do petróleo declinaram acentuadamente, com variações de US\$ 114 por barril em julho a US\$ 46 por barril em janeiro de 2015. As flutuações ao longo do ano continuaram mostrando uma tendência de declínio, com o preço tendo chegado a US\$ 27 por barril em janeiro de 2016. Nesse contexto, as empresas de petróleo se engajaram em uma revisão das estratégias de exploração e produção, dando novas prioridades aos projetos com o objetivo da redução de custos (PEDROSA JUNIOR; CORREA, 2016).

O excesso de petróleo devido a produção que se manteve mesmo com o mercado em baixa afetou a indústria petrolífera por todo o mundo. No Brasil, a Petrobras que já estava sofrendo perda de valor de mercado devido a escândalos de corrupção, teve seu plano de expansão até 2019 revisto e a empresa deve cortar em quase 25% os investimentos – de 130,3 bilhões de dólares (529 bilhões de reais) a 98,4 bilhões (400 bilhões de reais) (FARIZA; POZZI, 2016).

As consequências socioeconômicas logo se manifestaram através da postergação de projetos, aumento do desemprego na indústria de petróleo e redução de investimentos. Os projetos do pré-sal, envolvem tecnologias avançadas, e instalações de unidades a 150 km da costa e perfurações em águas ultraprofundas e domos salinas (investimento de 9 bilhões de dólares), dado que o objetivo da extração do pré-sal é o de exportação, com o baixo preço do barril e o dólar em alta a melhor alternativa é esperar (PEDROSA JUNIOR; CORREA, 2016).

A crise no setor de petróleo e o corte nos investimentos da Petrobras terão um efeito pesado na economia nos próximos cinco anos. Pelas contas do Grupo de Economia da Energia (GEE) da UFRJ, o País deixará de gerar R\$ 62 bilhões em renda até 2019. Os prejuízos afetam a geração de emprego e as receitas de Estados e municípios dependentes dos royalties (arrecadação 25% menor do que em 2014), principalmente no Rio de Janeiro. O resultado foi uma queda de 26% na criação de vagas em cinco anos. Os mais atingidos serão os empregados do setor de serviços, que responde por 34,65% do total de empregos diretos criados pela indústria e por 18,52% dos indiretos. O fracasso do último leilão realizado pela ANP apenas reforçou a preocupação com a situação. Já a consequência positiva aparece na balança comercial, com a queda da importação de petróleo e derivados (NUNES; PITA, 2015).

2.4 O Caso Lava Jato

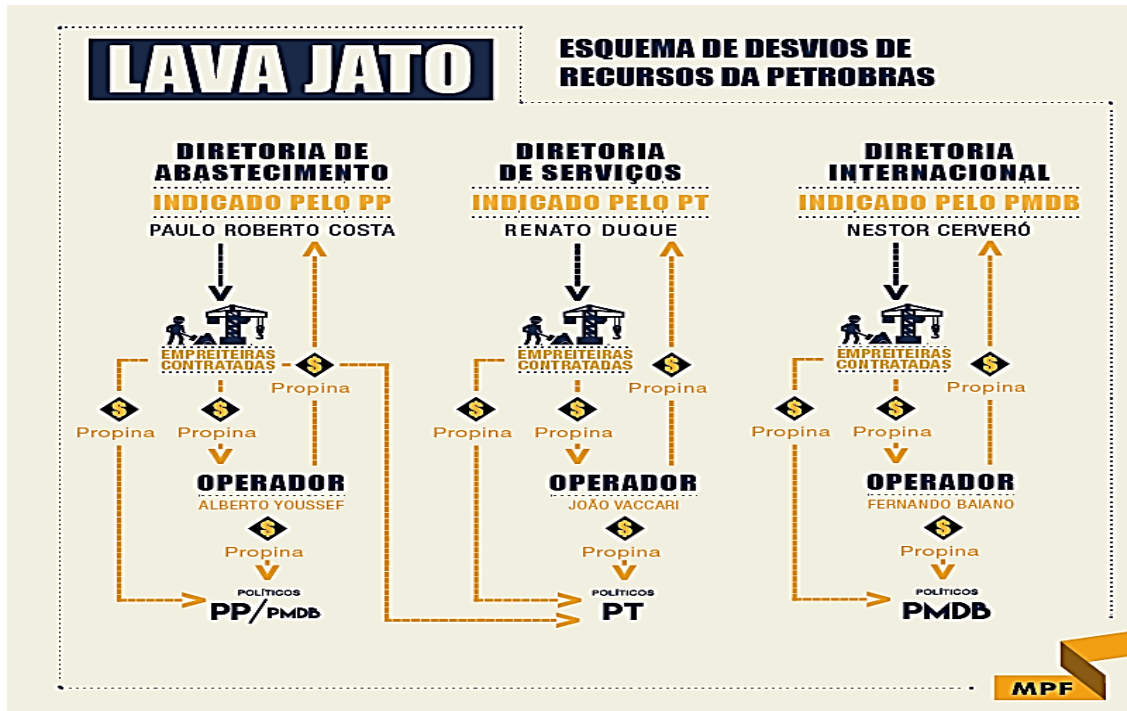
O escândalo de corrupção da Petrobras trouxe danos irreparáveis para a reputação da segunda maior estatal do Brasil, fazendo com que suas ações despencassem. O nome Lava Jato teve origem pela rede de lavagem de dinheiro utilizando postos de combustível e lava jatos como fachada. A operação é a maior o país já teve. No

início (2014), foram investigadas quatro corporações criminosas. Logo após, o Ministério Público Federal encontrou provas de um vasto esquema de corrupção envolvendo a Petrobras. Em uma licitação normal empresas concorreriam para fechar contratos com a Petrobras, e a empresa que fizesse a obra pelo menor preço ganharia a licitação. Mas o que houve na realidade foi uma criação de um cartel aparente, onde a havia um “acordo” para distribuição de contratos, tudo combinados em segredo onde a disposição dos contratos era acertada (MPF COMBATE A CORRUPÇÃO, 2015).

De acordo com o Ministério Público Federal, eram sempre as mesmas companhias que ganhavam as licitações. O cartel dividia as obras, fazendo com que a empresa vencedora fizesse uma proposta com lucros exorbitantes. Apesar de as provas mostrarem uma relação simbiótica entre as empreiteiras investigadas, parte de seus representantes afirma à polícia que era vítima de extorsão, então estariam sendo extorquidos para ganhar dinheiro?(STREIT, 2014)

Os funcionários tinham por função garantir que apenas as empresas que pertenciam ao cartel participassem das licitações. Por isso, era ultrajante ter agentes públicos na jogada. Segundo levantamentos da Petrobras, as empresas vencedoras fechavam contratos com valores abusivos, muito superiores ao que as companhias reais cobriam. As contratações eram fechadas velozmente, para evitar que informações de cunho sigiloso vazassem. Em março de 2015 o Procurador Geral da República abriu petições para que fossem investigadas 55 pessoas, sendo destas 49 de “fórum privilegiado”. Segue o esquema na Figura 1 (MPF COMBATE A CORRUPÇÃO, 2015):

Figura 1: Esquema de desvios de recursos da Petrobras



Fonte: MPF Combate a corrupção, 2015.

Vale lembrar que há duas frentes jurídicas na operação. Uma é conduzida pelo juiz Sérgio Moro na Justiça Federal em Curitiba. Ela cuida de doleiros, empreiteiros, ex-diretores da Petrobras e de outros suspeitos, acusados e réus que não têm foro privilegiado. A outra frente se refere aos investigados com mandato, que têm o foro privilegiado (são 21 deputados e 11 senadores). Essa frente está sob a guarda do Supremo Tribunal Federal, em Brasília. Já há políticos processados, ou seja, que respondem a ações penais, como é o caso do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB) (ARAGAO, 2016).

Mas não se pode atribuir tudo que estava acontecendo com a Petrobras a Lava Jato. O abuso de poder do Governo Federal enquanto acionista no controle da estatal e o acordo firmado entre a mesma e o governo, que previa um plano de investimento 2012-2016 de 236 bilhões de dólares, destes 151 bilhões seria arrecadado com a venda dos combustíveis e os 84 bilhões restantes através de novas dívidas. Porém o governo não cumpriu com o que prometeu, pelo contrário, exerceu controle sobre os preços dos combustíveis, no plano estava escrito que a manutenção dos preços estaria em paridade com os preços externos, mas depois o governo decidiu não

passar as “flutuações” para o mercado interno, causando em quatro anos o endividamento da Petrobras (PETROBRAS, 2012; GHIRARDI, 2015).

O Programa de Aceleração de Investimento criado em 2007, foi reforçado pela descoberta do pré-sal em 2007, e pela crise econômica de 2008 (crise imobiliária dos EUA). Frente a esse cenário instável, o governo federal acelerou os investimentos a fim de ir contra a recessão. O problema é que o mesmo traçou metas ambiciosas tanto para a companhia quanto para as terceirizadas. Em 2008 o investimento foi de 112,4 bilhões de dólares, e foi só aumentando, chegando aos 236 bilhões de dólares já citados. Como se pode imaginar, esse aumento implicou prazos menores para tomada de decisão. Dinheiro “sobrando”, facilidade de aprovação de projetos e pouca fiscalização como se pode imaginar, foi alvo fácil para desvios de conduta e início da Lava Jato (GHIRARDI, 2015).

2.5 A crise a reviravolta do ramo petrolífero

Além dos efeitos da lava jato, no início de 2016 a economia de muitas potências estava em desaceleração, a China, uma das maiores consumidoras e importadoras de petróleo se encontrava em uma grave crise financeira. Quando o preço do petróleo estava em alta, fizeram-se muitos investimentos na área, porém a demanda não acompanhou esse desenvolvimento, produziam-se centenas de milhares de barris por dia sem comprador levando a queda do preço. Essa desvalorização do petróleo afetou os orçamentos de países produtores e os Estados mais dependentes da produção necessitaram do emprego de medidas anticrise, como a Venezuela, em plena crise política, a Arábia Saudita, a Rússia ou a Argélia (ABE; MARÇAL, 2016).

Com o petróleo muito barato, não compensava financeiramente investir para explorar o pré-sal. Em 2007, quando se descobriu o pré-sal, o óleo negro estava em seu ápice, US\$ 140 o barril. No início de 2016 o valor estimado era de US\$ 45 por barril, nesse período a Petrobras chegou a anunciar redução de quase 25% do que iria investir para o período 2015-2019 (ABE; MARÇAL, 2016; PETROBRAS, 2016).

Contudo houve uma modificação no cenário. A produção média no país alcançou recorde histórico anual em 2016, produzindo 2.144.256 barris por dia (bpd), 0,75% maior que em 2015. No pré-sal a diferença foi ainda maior, 33% a mais do que no ano anterior. A

justificativa para este crescimento está na produção dos campos de Lula e de Sapinhoá, no pré-sal da Bacia de Santos (inserção de novos sistemas de produção), Bacia de Campos e Parque das Baleias (CORREIO BRAZILIENSE, 2017).

O upgrade do mercado continua em 2017, onde a produção embora inferior a dezembro (exceto no pré-sal, o qual obteve recorde de produção), se compararmos com o mesmo período em 2016, teve aumento de 14,2%, 2,687 milhões de barris por dia. Obtendo o ápice produtivo da bacia de Lula, que bateu recorde de maior bacia produtora do Brasil. A produção do pré-sal correspondeu a 47% do total produzido no Brasil (ANP, 2017).

Mas o que impulsionou o aumento na produção dos campos citados foi claro, a melhora do mercado. A OPEP restringiu o fornecimento de petróleo, anunciando um corte de 1,2 milhões de barris por dia, elevando os preços do óleo. Esta recuperação ajudou as indústrias produtoras, bem como fornecedores de equipamentos e serviços. A previsão é de que a melhora continue e o valor do barril que está oscilando entre U\$ 40 e U\$ 50 agora, chegue a U\$ 70 até 2020 (ATI et al., 2017).

Após a recessão, a previsão é de um crescimento econômico de 0,4% em 2017, dentre os países que não fazem parte do cartel, a OPEP cita o Brasil como principal destaque como fornecedor no ano, aumentando sua produtividade em 250 mil barris por dia (bpd) contra 210 bpd do Cazaquistão e 170 mil bpd do Canadá. A organização salientou que a Petrobras deverá investir em sete novas plataformas offshore já previstas em seu plano de investimento, isso deve impulsionar a produção em 3,40 milhões de bpd (250 mil a mais que 2016) (DIÁRIO DO COMÉRCIO, 2016).

A ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás e Bicombustíveis) vem reduzindo as restrições para que empresas financeiras de fora do ramo possam participar da compra de blocos para exploração de óleo e gás, como uma forma de atrair investimentos para o setor. Será permitida a compra por corporações que possuam contrato com terceirizadas do setor, os blocos serão ofertados para países como EUA, China, Reino Unido entre outros, mas com foco no Oriente (Ásia e Austrália) (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

3 DISCUSSÃO

Como é sabido, o principal motivo da crise de petróleo deve-se a super oferta que o cenário está vivendo e a produção do óleo não convencional pelos EUA. A OPEP entendeu que reduzir a produção para proteger preço como sempre fazia não adiantaria, ela se deu conta de que quando fosse a hora do petróleo voltar ao cenário ele seria rapidamente reinserido, então diminuir a produção prejudicaria a organização futuramente, outro motivo ao manter a produção é a intenção de frear o crescimento do óleo de xisto.

Rússia e Venezuela têm como uma das bases principais de sua economia a exportação de petróleo, a Rússia se encontra em um momento de recessão em sua economia e a Venezuela, uma das maiores reservas de petróleo do mundo, que via no ouro negro uma fuga para sua pobreza, passa por uma situação calamitosa, onde a fome e falta de subsídios hospitalares amedronta a população. Pode-se dizer que se houvesse um vencedor de quem mais está sofrendo com a crise petrolífera esse vencedor seria a Venezuela.

Veja uma situação para entender o que está acontecendo no mercado. Você vende um produto, e existe grande demanda por isso, logo você adquiriu muitos concorrentes, mas tudo bem porque seu produto continua vendendo bem. Mas um belo dia, por algum motivo a procura diminui substancialmente. O que você terá de fazer para continuar vendendo? Aperfeiçoar o produto, se tornar mais competitivo, ter um diferencial em relação ao seu concorrente, afinal, imagina o prejuízo se você tiver que fechar a loja, todo dinheiro que investiu nos móveis e equipamentos. No petróleo acontece da mesma forma, os países e companhias exportadores tendem a se tornar cada vez mais competitivos afim de assegurar seu espaço no mercado que já não está dos melhores. Isso implica em alguns investimentos, logo empresas com dinheiro em caixa possuem vantagem, pois ainda tem dinheiro para investir, já companhias menores podem chegar à conclusão de que não vale a pena entrar nessa briga e fecharem as portas.

Em 2006, o Brasil se tornou autossuficiente em produção de petróleo, em 2007, houve a descoberta do pré-sal. Quando a extração saísse do papel, os retornos financeiros seriam de bilhões de reais. No meio de diversos interesses pensava-se em destinar 75% do que seria arrecadado no pré-sal a educação, mas como já sabemos a crise que se instalou em 2014 abalou os planos de exploração. O estado do Rio de Janeiro foi o que mais sofreu o impacto (IDOETA, 2016).

Uma das especulações sobre o pré-sal é de que, quando descoberto, a Petrobras não permitiu que 41 áreas fossem licitadas, quando o mundo estava com dinheiro, pois queria ela mesma explorá-los. Acabou que a estatal deu um tiro no próprio pé, a venda dos blocos reduziria os impactos sofridos pela crise, assim a companhia ficou com os blocos, mas agora não possui investimentos suficientes para explorá-los, se o mercado fosse realmente aberto para empresas exteriores, essas áreas já estariam produzindo lucrativamente há tempos (ZULBERSTAJN, 2015).

Para reverter o prejuízo de 2014, 2015 e 2016, a Petrobras apresentou um plano que contém além da redução de investimentos já esperada, a venda de ativos, ou seja, subsidiárias e até áreas do pré-sal. Se não vendeu quando o mercado estava em alta, vender agora não parece ser o mais certo a se fazer, isso pode pôr em risco o futuro da empresa.

A crise que a Petrobras enfrenta é a mesma pela qual outras empresas do setor passam, dado a queda dos preços do barril de petróleo. Frente ao enganoso combate à corrupção, a direção da Petrobras está levando-a para um caminho obscuro. Estão sendo estagnadas atividades vitais para a continuidade da companhia, como é o caso da perfuração. Os estragos criados são algo que levarão anos para se recuperar. A direção da empresa deveria vir a público para explicar o porquê de estar na contramão do resto mundo. Por que ela não quer o pré-sal quando o mundo inteiro quer? questiona José Maria Rangel, coordenador da Federação Única dos Petroleiros (FUP) (RODRIGUES, 2017).

4 CONCLUSÃO

O estudo desse artigo possibilitou ampliar a visão do leitor tendo em vista a conjuntura da economia brasileira com relação ao setor petrolífero, também foram citadas economias de outros países, assim como dados históricos, notícias de enredo político, dados e estatísticas que se fizeram necessários para o entendimento da atual conjuntura econômica.

Crise e petróleo são termos que se esbarram desde a década de cinquenta, as guerras de YomKipur, do Golfo em 1991, a crise política do Irã e a diminuição da produção do Oriente Médio foram causas de crises passadas. Num contexto mais atual, a falta de demanda, a política de não redução da OPEP, a produção do óleo de xisto e os escândalos de corrupção podem ser apontados como fatores da crise de 2014 que se arrasta em parte até os dias atuais.

Infere-se da importância do petróleo na economia mundial, visto que países como a Venezuela que tem o petróleo como produto chave da economia se encontra em situação de extrema pobreza. No Brasil, obtivemos redução da receita de estados em geral no que se refere a arrecadação dos royalties, desempregos nas terceirizadas (obras paralisadas), entre outras implicações.

O desestímulo financeiro para exploração e a produção afetam diretamente no crescimento do país, e esse queda de investimentos influenciou até na educação, pois parte do dinheiro que seria arrecadado pelo pré-sal seria destinada ao aprendizado. Talvez novos acordos políticos a níveis internacionais pudessem ser firmados, com o objetivo de encontrar a melhor solução para minimizar os efeitos dessa recessão, ou talvez a solução seja mesmo esperar o alinhamento do mercado para então elevar os níveis de produção, o que seria uma temática interessante para trabalhos futuros.

5 REFERÊNCIAS

ABE, M. C.; MARÇAL, L. (Ed.). **Petróleo em queda: quais as causas e efeitos e porque a gasolina não cai**. 2016. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2016/01/15/petroleo-em-queda-quais-as-causas-e-efeitos-e-por-que-a-gasolina-nao-cai.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

ARAGAO, A.. **Lava-Jato faz 2 anos. Você Lembra por que a operação tem esse nome?** 2017. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/17/Lava-Jato-faz-2-anos.-Você-lembra-por-que-a-operação-tem-esse-nome>. Acesso em: 29 maio 2017.

ATI, N. et al. **The oil & gas supply chain returns to growth after more than two years.** 2017. Disponível em: <<http://www.mckinsey.com/industries/oil-and-gas/our-insights/the-oil-and-gas-supply-chain-returns-to-growth-after-more-than-two-years>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

BRASIL. AGENCIA NACIONAL DE PETROLEO GAS E BIOCOMBUSTIVEIS. **Produção do pré-sal foi recorde em janeiro.** 2017. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/wwwanp/noticias/anp-e-p/3608-producao-do-pre-sal-foi-recorde-em-janeiro>>. Acesso em: 29 maio 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Combate a Corrupção. **Caso Lava Jato: Entenda o caso.** 2015. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

CORREIO BRAZILIENSE (Brasília) (Ed.). **Produção média de petróleo no Brasil fecha 2016 com recorde anual.** 2017. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/01/11/internas_economia,564345/producao-media-de-petroleo-no-brasil-fecha-2016-com-recorde-anual.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2017.

DIÁRIO DO COMÉRCIO (Brasil). **Petróleo: Brasil será o principal destaque em 2017.** 2016. Disponível em: <http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=petroleo_brasil_sera_o_principal_destaque_em_2017&id=176197>. Acesso em: 19 abr. 2017

FARIZA, I.; POZZI, S.. **Baixa recorde nos preços do petróleo afunda as contas das gigantes da indústria.** 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/06/economia/1454783774_160831.html>. Acesso em: 30 maio 2017.

FELDSTEIN, M. **O impacto geopolítico da queda do preço do petróleo.** 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/o-impacto-geopolitico-da-queda-do-preco-do-petroleo/>>. Acesso em: 27 maio 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO (São Paulo). **ANP quer atrair mais agentes financeiros para leilões de petróleo.** 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1878738-anp-quer-atrair-mais-agentes-financeiros-para-leiloes-de-petroleo.shtml>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

GASPARETTO JUNIOR, A. **Crise do Petróleo.** 2013. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/crise-do-petroleo/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

GHIRARDI, A. G. **Petrobras: as causas da crise, além da Lava Jato.** 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/petrobras-as-causas-da-crise-alem-da-lava-jato-305.html>>. Acesso em: 23 maio 2017.

IDOETA, P. A. **Por que os recursos do pré-sal estão frustrando o setor da educação.** 2016. Publicação BBC Brasil- São Paulo. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160104_royalties_educacao_pai>. Acesso em: 25 maio 2017.

LESSA, A. C. M. **Instabilidade e mudanças: os condicionantes históricos da política externa brasileira sob Geisel (1974-1979).** 1997. 10 f. Tese (Doutorado) - Curso de História das Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 1997. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/196/r133-08.PDF?sequence=4>>. Acesso em: 27 maio 2017.

LIMA, L. A. de O. **Crise do petróleo e evolução recente da economia brasileira.** 1977. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901977000200004>. Acesso em: 13 mar. 2017.

NOGUEIRA, P. **O que não estão contando para você sobre a crise mundial do petróleo.** 2014. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-a-queda-do-preco-do-petroleo-pode-afetar-o-brasil/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

NUNES, F.; PITA, A. **Crise no setor de petróleo vai tirar R\$ 62 bilhões da economia até 2019.** 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,crise-no-setor-de-petroleo-vai-tirar-r-62-bilhoes-da-economia-ate-2019,1781203>>. Acesso em: 31 maio 2017.

PEDROSA JUNIOR, O. A.; CORREA, A. C. de F.. **A CRISE DO PETRÓLEO E OS DESAFIOS DO PRÉ-SAL.** 2016. Disponível em: <http://www.fgv.br/fgvenergia/oswaldo_pedrosa_petroleo/files/assets/common/downloads/publication.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

PETROBRAS (Brasil). **Ajustes no Plano de Negócios e Gestão 2015-2019.** 2016. Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/ajustes-no-plano-de-negocios-e-gestao-2015-2019-1.htm>>. Acesso em: 31 maio 2017.

PETROBRAS (Brasil). **Plano Estratégico Petrobras 2020.** 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/Casteglione/Downloads/apresentacao imprensa PNG 2012-2016 Gas e Energia.pdf](file:///C:/Users/Casteglione/Downloads/apresentacao%20imprensa%20PNG%202012-2016%20Gas%20e%20Energia.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2017.

ROCHA, P. **Entenda a queda no preço do barril de petróleo: Causas, efeitos e por que a gasolina não cai.** 2016. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/entenda-queda-do-preço-petróleo-causas-efeitos-e-por-que-paulo-rocha>>. Acesso em: 27 maio 2017.

RODRIGUES, F. **Petrobras está na contramão das empresas de petróleo do mundo, diz FUP.** 2017. Publicação Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/03/24/petrobras-esta-na-contramao-das-empresas-de-petroleo-do-mundo-diz-fup/>>. Acesso em: 25 maio 2017.

SILVA, C. **Estrangeiro mantém compras e impulsiona Ibovespa**. 2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/financas/4982692/estrangeiro-mantem-compras-e-impulsiona-ibovespa>>. Acesso em: 27 maio 20.

STREIT, M. **Lava Jato: entenda o passo-a-passo da operação que mobilizou o Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/digital/176/lava-jato-entenda-o-passo-passo-da-operacao-que-mobilizou-o-brasil/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

YERGIN, D. **The prize: the epic quest for oil, money e power**. New York: Simon & Schuster, 1990.

ZULBERSZTAJN, D. **A crise do petróleo no Brasil**. Canal Futura. Salão Debate. Brasil, 2015.